A avaliação no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de geografia na unidade escolar Osair Valente em Canto do Buriti, Piauí

Maria Izabel Milanês Santos
Graduanda em Geografia - Universidade Estadual do Piauí
Profa. da Rede Pública de Ensino
milanesantos1@outlook.com

Maria de Nazaré Ferreira Mota Luz
Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí
Profa. da Rede Pública de Ensino
nazare19610@gmail.com

Silvana Araújo Maciel
Especialista em Docência no Ensino Superior - Universidade Estadual do Piauí
Profa. da Universidade Estadual do Piauí
Profa. da Rede Pública de Ensino
silmaciel@outlook.com

Resumo
Atualmente, muito se tem discutido sobre a avaliação no contexto escolar. Busca-se uma verdadeira definição para o seu significado, justamente porque esse tem sido um dos aspectos mais problemáticos na prática pedagógica. O presente trabalho objetiva analisar o papel da avaliação no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia na Unidade Escolar Osair Valente em Canto do Buriti – PI. Para tanto utilizou-se a pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos e fotografias para maior aprofundamento da temática. Fez se necessário realizar, ainda, a pesquisa de campo para coletar dados mediante a aplicação de questionários com 20 (vinte) alunos e entrevista com 1 (um) docente. A partir da realização das entrevistas e de posse dos dados coletados em campo, foram iniciadas as tabulações e análise dos dados, obtendo assim resultados e discursões acerca do tema em questão. Observou-se que o professor de Geografia considera que o desinteresse e a falta de acompanhamento do país, são os principais problemas que interferem o processo de avaliação da aprendizagem. Entretanto, os alunos entrevistados acham adequadas as estratégias de ensino do professor e dizem ter dificuldade em relacionar os temas estudados com o dia-a-dia. Nesse sentido a avaliação não pode ser entendida como um momento final do processo, mas estar presente em todas as etapas do mesmo e funcionar como meio auxiliador da aprendizagem escolar.

Palavras – chave: Avaliação; Ensino-aprendizagem; Geografia.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

Evaluation in the process of teaching-learning geography discipline in unit school Osair Valente in Canto do Buriti, Piauí

Abstract
Currently, much has been discussed about the evaluation in the school context. Search is a true definition to their meaning, precisely because this has been one of the most problematic aspects in pedagogical practice. This work aims to analyze the role of evaluation in the teaching of Geography discipline process in the school unit Osair Valente in Canto do Buriti - PI. For this, we used the bibliographic research in books and scientific articles and photographs for further development of the theme. He made it necessary to carry out also the field survey to collect data by applying questionnaires to twenty (20) students and interview with one (1) teacher. From the interviews and in possession of the data collected in the field, tabs and data analysis were initiated, thus obtaining results and discourses about the issue at hand. It was observed that the Geography teacher believes that the lack of interest and lack of monitoring of the country are the main problems that interfere with the process of learning evaluation. However, respondent's students find appropriate teaching strategies the teacher and say they have difficulty in relating the themes studied with the day-to-day. The assessment in this sense cannot be understood as a final stage of the proceedings, but be present at all stages of it and work as a means helper of school learning.

Keywords: Evaluation; Teaching and Learning; Geography.

Evaluación en el proceso de enseñanza-aprendizaje geografía de disciplina en la unidad escolar Osair Valente en Canto do Buriti, Piauí

Resumen
Actualmente, mucho se ha discutido sobre la evaluación en el contexto escolar. Buscar es una verdadera definición de su significado, precisamente porque este ha sido uno de los aspectos más problemáticos en la práctica pedagógica. Este trabajo tiene como objetivo analizar el papel de la evaluación en la enseñanza del proceso de disciplina Geografía en la unidad escolar Osair Valente en Canto do Buriti - PI. Para ello se utilizó la investigación bibliográfica en libros y artículos científicos y fotografías para un mayor desarrollo del tema. Se hizo necesario para llevar a cabo también el estudio de campo para recoger datos de los cuestionarios que se aplican a veinte (20) estudiantes y entrevista con un (1) maestro. A partir de las entrevistas y en posesión de los datos recogidos sobre el terreno, se iniciaron las pestañas y el análisis de datos, obteniendo así resultados y discursos sobre el tema en cuestión. Se observó que el profesor de Geografía cree que la falta de interés y la falta de supervisión del país, son los principales problemas que interfieren con el proceso de evaluación del aprendizaje. Sin embargo, los estudiantes encuestados encuentran estrategias de enseñanza adecuadas al profesor y dicen que tienen dificultades para relacionar los temas estudiados con el día a día. La evaluación en este sentido no puede ser entendida como una etapa final del proceso, sino estar presente en todas las etapas de la misma y el trabajo como un medio auxiliar del aprendizaje escolar.

Palabras - clave: Evaluación; Enseñar y Aprender; Geografía.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

INTRODUÇÃO

Reconhecendo que a Avaliação Escolar é hoje um grande desafio dos educadores e que para falar sobre esse assunto faz-se necessário reconhecer que toda prática é norteada por pressupostos teóricos e que somente através da explicação e análise desses pressupostos é que tomamos consciência daquilo que fazemos.

Na disciplina de Geografia percebe-se que alguns alunos ao se depararem com a avaliação não conseguem formar um raciocínio geográfico necessário a sua participação ativa, autônoma e criativa na sociedade, muitas das vezes não conseguem formar relações entre conceitos dos conteúdos de geografia que são transmitidos em sala de aula e a realidade vivida.

Sabendo da importância de tais atitudes surgiu o questionamento sobre qual o papel da avaliação na disciplina geografia para o processo de ensino-aprendizagem na Unidade Escolar Osair Valente em Canto do Buriti – PI?

O presente estudo é importante, pois a avaliação é um instrumento que possibilita comprovar as possíveis deficiências na educação, está deve contribuir para criação de alternativas de ação que visem melhorar o ensino e a aprendizagem na disciplina de Geografia. Nesse sentido vale destacar que todo processo de mudança implica tomada de decisão, logo o papel do professor de geografia é ser transformador da educação, este deve moldá-la com atitudes acolhedoras e respeito ao aluno, atento ao esforço e cultivando sua confiança, dando ênfase a observação do desempenho, pois tais medidas constituem-se num ato de reflexão e compromisso.

O presente trabalho teve como objeto geral analisar o papel da avaliação no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia na Unidade Escolar Osair Valente em Canto do Buriti – PI e objetivos específicos: identificar os fundamentos teóricos e metodológicos da avaliação da aprendizagem; verificar as estratégias de ensino-aprendizagem adotadas pelo professor Geografia do 6º ano da escola em questão; conhecer a opinião dos discentes do 6º ano a respeito da avaliação da aprendizagem de Geografia.

Para maior aprofundamento da temática foi necessário realizar pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos, além de pesquisa de campo para coletar dados através da aplicação de questionários com 20 (vinte) alunos do 6º ano e entrevista com 01 (um) docente

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

da Unidade Escolar Osair Valente em Canto do Buriti, para obtermos informações em relação à avaliação Geografia na referida escola. Após a coleta de dados foi feita uma análise e discussão dos resultados aqui apresentados.

A DISCIPLINA GEOGRAFIA NAS ESCOLAS DO BRASIL

Ao longo dos séculos muitos estudiosos que faziam parte da corrente do pensamento geográfico buscaram entender a relação que a mesma estabelece com mundo. Ensinar e aprender Geografia somente foram possíveis no século XIX quando a Geografia começou a usufruir do status de conhecimento organizado, penetrando nas universidades.

No Brasil Colônia a educação foi ministrada pelos jesuítas, sendo diferenciada entre indígenas e filhos dos colonos. Nas primeiras décadas do século XIX, devido a expansão das relações capitalistas de produção, o ensino da Geografia, bem como as demais ciências, começou a vivenciar um intenso processo de desenvolvimento.

A geografia como ciência escolar no Brasil surgiu no século XX, tendo sido implantada como disciplina escolar obrigatória pela primeira vez no país em 1837, no Colégio Pedro II (Rio de Janeiro). De acordo com Azevedo (1971) apud Vlach (2004 p. 578):

> A única Instituição de cultura geral, criada desde a Independência até a República, foi o Colégio Pedro II, fundado em 1837 [...]. Ele foi, desde as suas origens, um grande colégio de humanidades- o mais importante criado pelo governo do Império e, no domínio dos estudos literários, a única instituição de cultura e de formação geral, embora de nível secundário [...].

A inclusão da Geografia como disciplina no Colégio Pedro II foi importante para instituir para tornar tal matéria obrigatória nos demais colégios, uma vez que o Pedro II era a referência oficial de educação secundária no país. A principal característica desse momento era a disseminação da ideia de se conhecer os aspectos naturais regionais, com o intuito de criar no estudante um sentimento de patriotismo (VLASH, 2004).

Mais foi a partir das Leis Orgânicas do ensino Primário e normal, introduzidas em 1946 que a geografia passou de fato a ser inserida oficialmente no currículo no país (GEBRAN, 2003). Após tal fato houve a promulgação da Lei 5692/71 durante o período da Ditadura Militar no Brasil, que introduziu a disciplina de Estudos Sociais no currículo das

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

escolas primárias substituindo a geografia e a história como matéria escolar. Segundo Marques, (2008, p. 205):

> Com a reforma da LDB em 1971, foi introduzida a matéria Estudos Sociais no currículo das escolas primárias visando à substituição de geografia e história. A implantação da disciplina Estudos Sociais, somada ao ensino da EMC, acarretou muitos problemas que podem ser detectados na escola de base ainda hoje.

Os Estudos Sociais constituíram-se ao lado da Educação Moral e Cívica em fundamentos dos estudos históricos, mesclados por temas de Geografia centrados nos círculos concêntricos. Com isso os professores elaboravam as avaliações mesclando os conteúdos, onde as primeiras questões eram de Geografia e as últimas de história e vice e versa.

Somente a partir de 1997, a disciplina de Geografia passa a atuar, pelo menos na segunda etapa do Ensino fundamental, de forma autônoma nas escolas. Cada professor passou a atuar na sua área de conhecimento. O professor de Geografia tem que mostrar tudo o que marca a sociedade em escala global, seja na cultura, na economia, na politica, no meio ambiente, na sua vida como cidadão, mantendo sempre os alunos atualizados sobre todos os acontecimentos que considera importante para o desenvolvimento dos mesmos. A avaliação deve ser planejada, assim, relativamente aos conhecimentos que serão recontextualizados e utilizados em estudos posteriores, no ensino médio e principalmente na vida prática. (PCN's p. 106, 1997).

Entretanto, em pleno século XXI, ainda há uma enorme distância na relação professor-aluno, baseada nos moldes do ensino tradicionalista, em que a avaliação é tida como o simples ato de aplicar provas e testes para somar a nota obtida para cada aluno e garantir sua aprovação ou reprovação.

TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Durante séculos, a avaliação da aprendizagem foi considerada uma atividade de competência do professor que a realizava de forma simples, sem utilizar maiores conhecimentos e técnicas, tendo em vista que se tratava apenas de elaborar provas com questões sobre os conteúdos ministrados e de corrigi-las, pontuando as respostas corretas, prática ainda muito comum nas escolas da atualidade.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

A preocupação com a nota ou conceito atribuído ao aluno era ligada diretamente à aprovação ou reprovação dos alunos, a nota acaba se tornando um fim em si mesmo segundo (RAIZES E AZAS, ano 2005, p.5). Nessa visão, a participação do aluno no processo avaliativo é pequena, a nota representa uma sentença, definida o seu destino escolar e, às vezes, representa a repetência e a evasão.

A partir dos anos 80, desencadeou-se uma leitura mais sociológica da avaliação, que denunciava sua função seletiva, classificatória e reforçadora da desigualdade social, propondo sua reorientação. A análise da função política da avaliação foi objeto de estudos de diversos educadores empenhados em construir uma prática avaliativa dialética – libertadora, dentre eles estão: Luckesi (1993), Sousa (1994), Vasconcelos (1998) dentre outros.

Segundo Luckesi (1980, p. 27), a concepção de avaliação como "juízo de valor sobre dados relevantes da realidade com visitas à tomada de decisão" foi bastante divulgada nos meios educacionais e contribuiu para dar destaque a dois pontos muito importantes na educação.

Um deles refere-se à compreensão de que o processo de avaliar não se encerra com a atribuição de notas ou conceitos do aluno, mas implica emitir um julgamento sobre os resultados. Outro é o fato de que uma verdadeira avaliação implica tomar decisões sobre o tratamento das dificuldades constatadas, levando o professor a desenvolver alternativas de ensino.

De acordo com Hoffmann (1998, p. 13), "a avaliação é acompanhar o processo de construção do conhecimento do aluno. Não é uma ação de julgamento". Analisando essa afirmação observa-se a ênfase dada à necessidade de analisar não apenas os resultados de desempenhos dos alunos, mas também, o processo de aprendizagem percorrido. Discutindo-se a natureza do erro, compreendendo-o em alguns casos, como hipóteses que o aluno constrói sobre o conhecimento, exigindo-se do professor um olhar investigativo e reflexivo sobre o mesmo.

A busca de novos caminhos prossegue para um processo avaliativo mais justo, humano e direcionado para o crescimento do aluno que visa o principal que é a aprendizagem do aluno, ou seja, o que ele realmente aprendeu. Dessa forma, as decisões finais são sempre de competência dos profissionais da escola, tudo sobre do professor que irá desenvolvê-la em sala de aula. Mas para que o professor chegue a essa reflexão, necessário se faz analisar e

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

refletir as outras formas de avaliação que não se encontram dissociadas até hoje das práticas de nossos docentes buscando uma melhor forma de avaliar o aluno.

A escola, professor, aluno, pais estão inseridos na dinâmica das relações sociais. A sociedade não é um todo homogêneo, onde reina a paz e harmonia. Ao contrário, há antagonismo de interesses diferentes entre os grupos de classes sociais que refletem nas finalidades e no papel atribuído à escola, ao trabalho do professor e dos alunos.

Os objetivos educativos da escola e dos professores, os conteúdos escolares, as formas avaliativas, a relação professor – alunos e as modalidades de comunicação docente nada disso existe isoladamente do contexto econômico, social e cultural mais amplo e que afetam as condições reais em que se realizam no ensino-aprendizagem.

FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO

A avaliação deve ser segura e criteriosa, onde as expectativas de aprendizagens dos alunos devem ser efetivamente conseguidas para que dê condições de continuar aprendendo na série ciclo seguinte. Devem levar em conta as características dos alunos (aspectos estruturais de cada realidade) e dos objetivos e conteúdo definidos; Amplitude – deve avaliar o comportamento dos domínios cognitivos, afetivos e psicomotores; Diversidade – a forma de proceder à avaliação, utilizando procedimentos variados. De acordo com Haydt (1995, p. 64), a partir das leituras de teóricos como Scriven, Hasting, Bloom e Madaus; são apresentas três funções para avaliação: diagnóstica, a de controle e a de classificação; cada uma dessas, correspondendo a uma modalidade de avaliação: diagnóstica, formativa, e somativa.

A avaliação diagnóstica tem como função diagnosticar a presença ou ausência de pré-requisitos para novas aprendizagens, detectar as possíveis causas de dificuldades de aprendizagens, constada deficiência, propõe atividades com vistas à superação de dificuldades, individualiza o ensino. É, portanto, uma sondagem do desenvolvimento do aluno feita no início de cada unidade de ensino, cada programa ou início do período letivo.

Avaliação formativa tem como objetivo controlar o desenvolvimento do processo ensino – aprendizagem, isto irá constatar se os objetivos previstos estão sendo alcançados pelos alunos e fornecer dados sobre o processo de ensino – aprendizagem visando a sua

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

melhoria. Ocorre ao longo das atividades pedagógicas de sala de aula, possibilitando o redirecionamento destas, sempre que necessário.

A somativa tem como função classificar os resultados obtidos pelos alunos de acordo com os níveis de aproveitamento estabelecido. Ocorre ao final de cada unidade de ensino, bimestre ou curso. Constitui-se uma mensuração do desenvolvimento do desempenho do aluno em relação ao quanto de conteúdo ele foi capaz de aprender. Não oferece subsídios para a melhoria ou reorientação do processo ensino – aprendizagem. Limita-se a qualificar o quanto o aluno reteve do conteúdo trabalhado em sala de aula.

A avaliação diagnóstica formativa e somativa, teoricamente, foram construídas para permearem todo o processo ensino – aprendizagem de uma forma complementar.

AS ENTRELINHAS DO PROCESSO AVALIATIVO

Vivemos numa sociedade capitalista instituída pela formação dos Estados Nacionais Modernos, com a constituição burguesa. Esta sociedade precisava e necessita, ainda, formar mão de obra "dócil" para trabalhar nas indústrias, e, agora, na globalização, bem como ser terceirizada.

A doutrina liberal, que emana desta sociedade, criou o mito da ascensão social, promovida pela escola e que só não se destacaria quem não quisesse nada. Isso é consolidado por meio de mecanismos vários, inclusive da avaliação. Todos, então, conformar-se-ão com o seu lugar que foi, altamente, comprovada por ela. "A partir daí surgirá um auto conceito negativo que se transformará em barreira ou acomodação para qualquer mudança". (VASCONCELOS, 1998, p. 42).

A avaliação sob uma falsa aparência de neutralidade e objetividade é um instrumento por excelência que lança mão do sistema de ensino para o controle das oportunidades educacionais e para dissimulação das desigualdades sociais, e do mérito individualmente conquistado. (SOARES in VASCONCELOS, 1998 a, p. 3).

Os alunos que conseguem uma nota aprovativa irão construindo a sua autoestima positivamente. Enquanto aqueles que recebem notas baixas vão se sentindo mal até se acharem realmente impotentes e incapazes. Este auto conceito negativo resultará numa autoestima, também, negativa.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

Mas do que nunca, hoje, está comprovado que a autoestima se transformou num eixo metodológico essencial para o desenvolvimento da aprendizagem do educando, uma vez que estimulado o aluno com certeza vai produzir mais.

A nota, realmente, se tornou mais importante. Tudo irá funcionar sob o seu domínio, inclusive a ela dará informações e materializará níveis de competência. É a cultura da nota pela nota (REBELO, 1998, p. 13).

O mecanismo de produzir notas transformou-se, para o aluno, num instrumento psicológico, utilizado pelo professor, de coagir o aluno a estudar pelo medo, ansiedade de não tirar uma nota boa que o faça passar de ano, ou seja, o aluno na verdade é levada a decoreba.

Portanto, a avaliação vem a desempenhar em sua prática um papel político mais que pedagógico, ou seja, não é usado não, como recurso metodológico, "mas sim como um instrumento de poder, de controle, tanto por parte do sistema social, como pela escola, pelo professor, quantos pelos próprios pais" (VASCONCELOS opcit p, 42). De fato, o sistema, o professor e os próprios pais cobrando dos filhos descriminam, selecionam os alunos por meio da avaliação. Em vez de ela ajudar, ser acaba sendo um fim, para alguns professores.

Ajudar o processo pedagógico quer dizer dá feedback do que, e como o aluno, estará aprendendo e a partir dos resultados obtidos fazer mudanças, alterações que cristalizem uma verdadeira aprendizagem para produzir, realmente, indivíduos competentes e não pessoas mecanizadas, que só respondem quando acionadas, de uma mesma forma, para uma única forma de pergunta. "Precisamos, então, fazer consciente preocupada a sua manutenção de forma inconsciente e não refletida". (RABELO, opcit, 13). Está subentendido, então, uma postura política consciente e que por sua vez, traz o seu bojo, o aspecto técnico, sempre visando o bom desempenho do aluno. A avaliação deve ser constituída de um instrumento bem montado, bem elaborado, de forma provisória de aprendizagem do aluno pois, "é uma hipóteses de elaboração do conhecimento" (RABELO, opcit, 13).

PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

Os procedimentos de avaliação são todos os meios, instrumentais e técnicos que são utilizados para obtenção de dados sobre o processo ensino – aprendizagem. Segundo Gonlund (1997, p. 18), os procedimentos podem ser classificados:

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

- Procedimento de avaliação – São aqueles que permitem a apreensão direta do fenômeno que vai ser avaliado;

- Procedimento de auto relato - São aqueles em que o indivíduo fornece informações sobre si mesmo;

- Procedimento de testagem – São os organizados por meio de um conjunto de tarefas usadas para acolher amostras do comportamento de um indivíduo em determinadas situação e tempo.

Sousa (1994, p. 45) nos levou, através de analisa, concordar que os escritos norte americanos sobre tudo que já foi apresentado, características, funções e procedimentos de avaliação constroem um quadro puramente técnico, visando o julgamento e classificação do aluno. Nessa direção, urge a produção de um referencial teórico que assuma o caráter de superação do delineamento norte-americanos que vêm direcionando os estudos avaliativos, que não tenha como referência apenas questões técnicas da avaliação, mas volte-se para a reflexão da intencionalidade subjacente ao processo pedagógico (SOUSA, opcit, p.45).

Esse delineamento é tão marcante que os autores como Popham, Bloom, Gronland, Ebel e Asubel, mostram a influência do pensamento pedagógico norte-americano aqui no Brasil. Na verdade, é o ocultamento das intenções do processo avaliativo que o torna mais difícil de ser entendido e praticado positivamente.

Se o processo avaliativo em si próprio precisa de uma reflexão, mais ainda precisará a sua práxis para que possa ser cada vez mais segura, efetiva e positiva, levando-nos a uma transformação da realidade social.

EXAME OU AVALIAÇÃO

Observando a linha do tempo, poderíamos dizer que atualmente era para praticarmos uma avaliação progressista, ou simplesmente avaliação. No entanto Luckesi evidencia o que chamamos de avaliação e praticamos exames. O que, também, concordamos com ele. Pois o que hoj0e fazemos, segundo (LUCKESI Opcit, p. 34), tem as seguintes características:

1 - pontuais, ou seja, só interessa aquilo agora. O que aconteceu antes, nem o que vai acontecer depois não importam.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

2 – São classificatórios com perspectiva estática – os alunos assumirão uma classificação em termos numéricos ou conceituais, um lugar, serão aquilo que a classificação indicar. Servem, pois para disciplinar. Por exemplo, se assumir um 2, o aluno será 2, como já falado anteriormente; se por acaso tiver terminado sua prova e lembrar da resposta referente as questões que deixou em branco, não poderá mais responder pois o tempo já terminou.

3 – São Includente – todos tem condição de aprender. Não é: você não sabe, é: você não adquiriu, ainda, está competência.

A avaliação, efetiva, faz parte de uma pedagogia construtiva, pois o ser humano vive em processo que impõe mudanças nas pessoas. Ela trabalha com três elementos: 1 – Movimento – ação – construção: somos resultado de um movimento (físico e psicológico), de uma ação que se repete e a partir desta construiremos uma forma; 2 – Dinâmica do espaço e tempo necessário. Tudo precisa de um espaço e de um tempo para se desenvolver. Ex.: a língua fala do movimento espaço – tempo, a história – 500 anos do povo brasileiro e a educação também precisa deste espaço, ou seja, do acolhimento psicológico por parte do professor em um determinado tempo sem o qual não haverá educação. 3 – Alimento para alma, ou melhor, nutri o aluno de novas experiências conhecimento para que tenha um novo respaldo e confrontá-lo com seus limites, para dar-lhe o conhecimento de si mesmo. Vivenciando estes três elementos o aluno irá construir o seu eixo, ou o seu pensamento, do simples para o complexo.

Nesse contexto o princípio organizacional de tudo isto, é o professor, que deve ser o adulto da relação e deverá colher o aluno sem agredi-lo (LUCKESI, opcit, p.46). Ainda são cometidos outros equívocos como: criação de mecanismos para dar pontos aos alunos, isto é, nota por ele ser atencioso, assíduo, pontual, fazer as tarefas, porque vaio desfilar no dia 07 de Setembro etc. Não se forma valores, hábitos e atitudes com nota (VASCONCELOS, opcit, p. 53). “Nas ideias abrem possibilidades mudam”. O que muda a realidade é a prática, [...] “As ideias se enraízam a.”. Aos poucos o próprio processo dará novas pistas e novas mudanças acontecerão até o que se deseja para aquele momento. Exercer, realmente, um processo avaliativo que implicaria numa mudança significativa.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

OS ASPECTOS: QUANTITATIVO X QUALITATIVO DA AVALIAÇÃO

Dentro os quadros das Tendências Pedagógicas vale destacar os aspectos qualitativo e quantitativo. Sabemos que hoje se leva em conta os aspectos quantitativo e qualitativo de educação. Porém nem sempre foi assim, pois as primeiras ideias praticadas na avaliação forma de medir. A partir de criação do ensino aprendizagem por Ralfh Tyler (1930): que mostrou "a avaliação não mais como só mensurar, mais, também, como análise do desempenho do estudante, estava inserido o aspecto qualitativo da avaliação". No entanto, antes mesmo de trabalharmos sobre o quantitativo e o qualitativo da avaliação, deveremos observar o aspecto técnico e o político dela, visando o bom desempenho do aluno. Deve ser constituída de um instrumento bem montado, com os critérios bem definido, bem elaborado, de forma que instigue realmente o aluno a mostrar o que aprendeu.

A tendência qualitativa é complexa, pois envolve o psicológico e o biológico do conhecimento "Ver o qualitativo é um ato relativo, intencional e valorativo" (LIMA, opcit, p.34). "A avaliação qualitativa envolve um compromisso ético e formal do professor em garantir condições para a melhor aprendizagem possível". (RABELO, opcit, p. 16). De fato, o professor, com a autoridade que tem em mãos, mesmo quando interpreta o que o aluno está aprendendo, poderá camuflar o caráter de controle, de seleção. O controle deve existir, ele é indispensável no ato avaliativo, mas desde que tenha uma visão de processo.

No Brasil, a preocupação com os aspectos qualitativos, do ponto de vista institucional foi com a lei 5.692/71, precisamente no artigo 14 desta lei, quando expunha, letra b, a predominância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

LDB nº 9394/96, especificamente no art. 24, inciso V alínea a avaliação continua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais (BRASIL, 1996). O processo avaliativo contempla a observação dos avanços e da qualidade da aprendizagem alcançada pelos alunos. Com a concepção construtivista, passou-se a atribuir importância a informações antes consideradas irrelevantes, como é o caso do conhecimento que se obtém através das interações pessoais e diretas com o aluno. Dessa forma o sistema educacional é comprometido como desenvolvimento das capacidades dos alunos, que se

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

expressam pela qualidade das relações que estabelecem e pela profundidade dos saberes constituído.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's. 1998), quanto mais terão condições de desenvolver, com a ajuda do professor, estratégias pessoais e recursos para vencer dificuldades. Levou-se em conta a possibilidade de procedimentos com observação aos aspectos qualitativos apesar, de ter outras finalidades. A nossa história de educação, comprovadamente, tem mostrado a preferência e até o desejo de excluir os aspectos quantitativos da avaliação, deixando apenas o qualitativo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Caracterização e localização da área de estudo

A unidade em estudo foi colégio Osair Valente, situado na Rua Coelho Rodrigues, nº 416, Bairro Nossa Senhora de Fátima, Canto do Buriti – PI. A escola funciona os Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos - EJA. A escola possui 22 (vinte e dois) professores, 01(um) vigia, 06 (seis) auxiliares de serviços gerais, 01(um) diretor, uma coordenadora pedagógica, 02 (dois) professor líderes que dão apoio, 01 (um) coordenador do Programa Mais Educação e 03(três) monitores e uma nutricionista.

A Unidade pesquisada apresenta um espaço físico bem amplo, com 05(cinco) salas de aula, pátio, sala de coordenação, diretoria, sala para os professores, sala de informática, cozinha com dispensa, todas arejadas, piso cimentado, teto sem forro, paredes e janelas e instalações elétricas instável, dois banheiros para os alunos e um para os funcionários. A escola é mantida pela Secretaria Municipal de Educação. A gestão das atividades desenvolvidas na escola é de responsabilidade da direção, coordenação em parceria com professores, alunos, pais e a comunidade, o planejamento didático é feito por professores e orientadores pedagógicos.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

Opiniões dos alunos

Após observações da área de estudo iniciamos a pesquisa com a aplicação de um questionário contendo 08 (oito) perguntas o qual foi direcionado a 20 alunos do 6º ano, de um total de 32 (trinta e dois) alunos existentes na série pesquisada o que nos possibilitou trabalhar com uma amostra de 62,5%. Os obtidos em campo serão apresentados em forma de gráfico com suas respectivas descrições e análises.

Foi possível constatar que o número de alunos do sexo feminino no 6º ano da Unidade Escolar Osair Valente é mais elevado do que o sexo masculino, sendo que 80% dos alunos são do sexo feminino, enquanto apenas 20% apenas compõem o gênero masculino.

A respeito da idade dos mesmos. Percebeu-se que ainda é grande o número de alunos com idade inapropriada no 6º ano, onde 35% têm 14 anos e 17% tem 13 anos chegando a 52% no total, ou seja, de acordo com a idade desses alunos, deveriam estar bem adiantados, no entanto como percebemos estão atrasados.

Questionamos sobre o gosto pelo tipo de avaliação de geografia que é realizada na sala de aula. Assim, 70% responderam que gostam enquanto 30% que não. A maioria dos alunos respondeu que sim, deixando claro que quando suas notas são baixas, tal fato se deve à falta de interesse deles mesmos pelos estudos. No entanto os que demonstraram insatisfação com a avaliação realizada colocam que acham as questões subjetivas muito difíceis.

Quanto às dificuldades que encontram na realização da avaliação de Geografia. De acordo com a maioria dos alunos, 68% informam que a maior dificuldade está em relacionar o tema com o dia-a-dia. Ver gráfico 1.

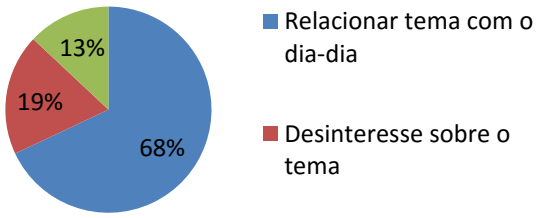

Gráfico 1 - Dificuldades na realização da avaliação de Geografia

Fonte: Santos; Luz (2014).

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

Esse dado mostra que os temas de Geografia devem ser abordados e relacionados bem mais sedo com o cotidiano do aluno; 19% responderam que possui desinteresse no tema abordado, fato lamentável, pois contribui para o motivo de muitos alunos estarem em idade avançada no 6º ano, 13% não tinham nenhuma dificuldade na avaliação proposta pelo professor de Geografia, entende-se que esses alunos possuem um fácil entendimento nas questões abordadas pelo professor e que deve ter acompanhamento da família em casa. Nenhum aluno opinou sobre as dificuldades de compreensão da metodologia de ensino, isso indica que a metodologia do professor e de acordo com a série e as dificuldades dos alunos.

Indagamos qual a melhor maneira de ser avaliado na disciplina de Geografia. Dos alunos pesquisados, 60%, preferem ser avaliados pela sua participação, entende-se que querem ser avaliados apenas pelo qualitativo e não pelo quantitativo, quanto 22% e 16%, estão divididos entre aulas de campo e trabalho em grupo, esses mostram uma coisa em comum ambos gostam de desenvolver suas atividades em no coletivo o que ajuda e facilita no aprendizado. Apenas uma pequena minoria, 2%, prefere a avaliação escrita, isso provavelmente ocorre devido a questão ain6da da decoreba que infelizmente ainda ocorre nas disciplin6a de geografia. Para variável seminário nenhum resultado foi encontrado, tal fato provavelmente ocorre devido ao professore de geografia não realizar essa prática com frequência como os alunos na sua avaliação. Observe o gráfico 2.

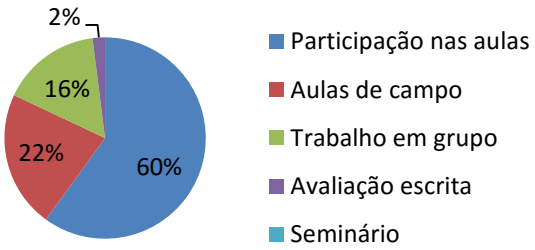

Gráfico 2 – Maneiras de ser avaliado na disciplina de Geografia

Fonte: Santos e Luz (2014).

Sobre as estratégias de ensino-aprendizagem adotadas pelo professor de Geografia na sala de aula, os dados do gráfico 3 revelam que 95% são adequadas ou parcialmente adequadas e apenas 5% pouco adequadas. Pode-se perceber que os alunos estão satisfeitos

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

com as estratégias adotadas pelo professor de geografia, pois nenhuma das respostas considerou inadequadas ou pouco adequadas.

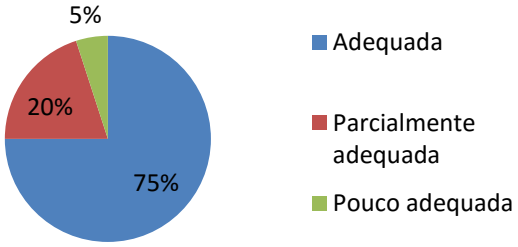

Gráfico 3 – adequação das estratégias de ensino do professor

Fonte: Santos; Luz (2014).

Ao interrogarmos sobre os meios de pesquisa utilizados pelos alunos na disciplina de Geografia. Como imaginávamos a Internet é o principal meio de pesquisa utilizado pelos alunos para realizarem os trabalhos propostos pelo professor de Geografia, 83%. Ver gráfico 4 abaixo:

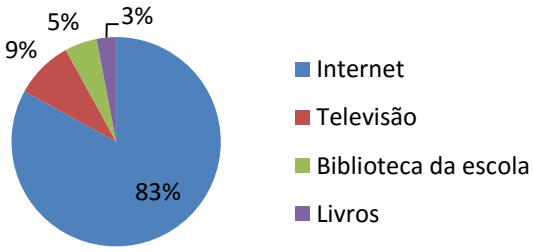

Gráfico 4 - Meio de pesquisa utilizado na disciplina de Geografia

Fonte: Santos; Luz (2014).

Um dado preocupante foi revelado na pesquisa, pois apenas 3% dos alunos gostam de pesquisar em livros o que pode contribuir para esclarecer as causas dos motivos da reprovação de alguns alunos ao final do ano letivo, pois o aluno que não tem o domínio da leitura também não domina a escrita e tem dificuldade em interpretar e compreender as questões propostas pelo professor nas avaliações mensais nas atividades em sala de aula.

Perguntamos aos alunos quais os recursos didáticos que os professores de Geografia mais utilizam. De acordo com as respostas dos alunos, utiliza todos os recursos disponíveis.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

Porém, com prioridade o livro didático e a lousa 70%, enquanto os recursos que poderiam ser usados para auxiliar na realização de uma avalição significativa, como é o caso dos mapas e o globo, apenas 25% dos professores utilizam. Observe gráfico 5.

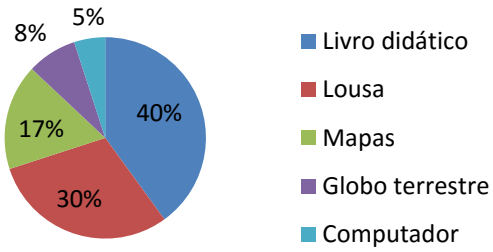

Gráfico 5 - Recurso didático mais utilizado pelo professor de Geografia

Fonte: Santos; Luz (2014).

Observou-se nas respostas dos alunos que os professores ainda utilizam muito os acessórios que apenas a sala oferece, tais como lousa e livro didático. E o que se espera é que a partir desse trabalho, os professores passem a utilizar mais os recursos audiovisuais, dentre outros, que a unidade escolar disponibiliza para um melhor entendimento e uma aprendizagem mais significativa.

ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Em seguida entrevistamos o professor de Geografia do 6º ano que leciona na referida unidade. Iniciou-se com o primeiro questionamento sobre quais aspectos são levados em consideração na avaliação do ensino-aprendizagem de Geografia do aluno. A resposta foi qualitativos e quantitativos, ou seja, o desenvolvimento das atividades propostas diariamente, trabalhos em grupo ou individuais, além da prova escrita no final de cada mês.

Em seguida, foi perguntado se o docente possui conhecimento sobre a função dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's dentro do processo avaliativo de Geografia. A resposta foi sim, o docente tem conhecimento e ler sempre que possível.

Indagamos de acordo com seus conhecimentos, que aspectos dificultam o desenvolvimento do trabalho docente. Os apontamentos foram: falta de acompanhamento dos

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

pais nas atividades propostas para casa, desinteresse por parte de alguns alunos devido ao relacionamento com amiguinhos ou a primeira namorada.

Questionou-se qual o tipo de avaliação é adotado no processo de ensino-aprendizagem dos alunos na disciplina de Geografia. A resposta foi formativa, justificando que a avaliação só tem sentido para a aprendizagem quando os resultados permitem aos alunos continuar progredindo.

Quando perguntado se concordava com os critérios adotados atualmente para recuperar a nota dos alunos de ensino básico, o mesmo respondeu que não, pois os alunos já sabem das facilidades que lhes são dadas, ou seja, das provas somativas ao final de cada semestre. Em alguns casos, os professores fazem vários trabalhos paralelos para recuperar a sua média. Isso faz com que o nosso índice de aprovação aumente, porém sua qualidade cai muito.

Então perguntamos de que forma a reprovação de alunos no 6º ano poderá repercutir em sua aprendizagem futura. Quando o aluno chega ao final do ano letivo e percebe que seus colegas vão ser aprovados para a série seguinte, enquanto ele vai ter de repetir novamente a mesma série com os mesmos professores. Ele começa a perceber que não é legal repetir o ano, passando dedicar-se mais para ser aprovado no ano seguinte.

Em seguida perguntamos se existe uma preocupação em informar as formas de avaliação para o aluno durante todo o período letivo. O professor respondeu que sim, são informados como vão ser avaliados, bem como todas as atividades que valem pontos para somar a nota final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de avaliação da disciplina de Geografia não é uma tarefa fácil. Assim, a pesquisa apresentou o confronto entre a avaliação qualitativa e a quantitativa permitindo, dessa forma, uma reflexão da prática pedagógica visando à avaliação de geografia cumulativa, seguindo o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, aprovada em 1996, a qual determina que a avaliação seja contínua e cumulativa e que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

Da mesma forma os resultados obtidos pelos estudantes ao longo do ano escolar devem ser mais valorizados que a nota da prova final. A mudança deve ser não apenas técnica, mas também política. Tudo porque a avaliação formativa serve a um projeto de sociedade pautado pela cooperação e pela inclusão em lugar da competição e da exclusão. Uma sociedade em que todos tenham o direito de aprender.

Para que a avaliação na disciplina de Geografia sirva à aprendizagem é essencial conhecer cada aluno e suas necessidades. Assim, o educador poderá pensar em caminhos para que todos alcancem os objetivos. O professor avalia os alunos pelo seu mérito individual, pela sua capacidade de se ajustarem independentemente das condições do ensino dos alunos e dos fatores externos e internos que interferem no rendimento escolar, pois os alunos precisam saber por que estão sendo avaliados.

Portanto o ato de avaliar não pode ser entendido apenas como um momento final do processo em que se verifica o que aluno alcançou durante um mês ou ano letivo. A questão não está, portanto, em tentar uniformizar o comportamento do aluno, mas em criar condições de aprendizagem que permitam qualquer que seja o seu nível, evoluir na construção de seu conhecimento.

Entendemos que o educador deve procurar conhecer o cotidiano do seu educando estimulando-o e incentivando-o em busca do melhor desempenho, fazendo com que ele se sinta valorizado para que possa aumentar a sua autoestima e sua conscientização de que é capaz de se desenvolver e ser um cidadão crítico e criativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** geografia. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

BRASIL. **Coletânea de Leis, Pareceres, Decretos-lei, Resoluções e Portarias**. Legislação brasileira do ensino de 2º grau. Coletânea dos atos Federais. Brasília: DEM, 1978.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1993.

GEBRAN, Raimunda Abou. A geografia no ensino fundamental- Trajetória histórica e proposições pedagógicas. São Paulo, **Revista Eletrônica Boletim Paulista de Geografia**, 2003.

GRONLUND, Normam E. **A Elaboração de Testes de Aproveitamento Escolar.** São Paulo: EPU, 1997.
HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do Processo de Ensino Aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1995.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação do Mediadora:** uma prática em construção da pré-escola á universidade**.** 14. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LIMA, Josenildes Maria Batista. **O Processo de Interação Social na Formação Linguística do Professor de 1ª a 4ª Série do 1º Grau:** uma etnografia da comunicação. Teresina-UFPI, Centro de Ciências, 1996 (Dissertação de Mestrado).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Democratização da Aprendizagem Escolar:** estudos e proposições. São Paulo; Cortez, 1980.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar:** uma visão construtivista e sistêmica. II Jornada de Educação do Norte-Nordeste, Fortaleza-CE, 1993.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições, 4. ed. São Paulo: Cortez. 1980.

MARQUES, Valéria. Reflexão sobre o ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental. In: **Simpósio de Geografia, 1.** Rio Claro (SP), 2008. Anais do... Rio Claro, SP, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência á regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RABELO, E. H. **Avaliação:** novos tempos e novas práticas. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

RAÍZES E ASAS. **Avaliação vol. 7.** Brasília: CENPEC/MEC, 2005.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica:** desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1998 (Guia da escola Cidadã; v. 2).

SOUSA, Clarilza Prado de (Org.). **Avaliação do Rendimento Escolar.** 6. ed. Campinas (SP): Papirus, 1994.

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

TYLER, R. **Princípios básicos de currículo e ensino**. Porto Alegre: Globo, 1930.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação:** concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertar, 1998a (Cadernos Pedagógicos do Libertar, v. 3).

VLASH, Vania R. Farias. O ensino de Geografia no Brasil: Uma perspectiva histórica. In: VESENTINI, José William (Org.). **O Ensino de geografia no século XXI.** São Paulo: Papirus, 2004.

Artigo recebido em: 12/04/2016
Aprovado em: 24/04/2016

© 2016. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.